

Direcção  
José Eduardo Franco  
José Augusto Mourão  
Ana Cristina da Costa Gomes

DICIONÁRIO  
HISTÓRICO DAS  
**ORDENS**  
E INSTITUIÇÕES  
AFINS EM PORTUGAL

Com o Alto Patrocínio da Presidência da República

gradiva

**TÍTULO**

DICIONÁRIO HISTÓRICO DAS ORDENS E INSTITUIÇÕES AFINS EM PORTUGAL

**DIRECÇÃO**

José Eduardo Franco

José Augusto Mourão

Ana Cristina da Costa Gomes

**REVISÃO**

Cristiana Lucas Silva

Luís da Cunha Pinheiro

Paula Cristina Ferreira da Costa Carreira

Susana Mourato Alves

**EDIÇÃO**

Gradiva Publicações, S. A.

1.ª edição: Maio de 2010

**DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO**

Artlandia Design

**IMPRESSÃO**

Norprint – Artes Gráficas, S. A.

**TIRAGEM**

2500 exemplares

**DEPÓSITO LEGAL**

310 021/2010

**ISBN**

978-989-616-369-3



Convento de N. Sr.ª da Assunção, Arraiolos (DB)

de confrarias populares, à escrita da vida de santos, ao ensino às crianças dos primeiros elementos linguísticos e à assistência aos doentes e moribundos durante os surtos de peste. Colaboraram ainda, de forma activa, na direcção da reforma pré-tridentina portuguesa, através da visitação e reforma das Ordens de ƆCristo, ƆSão Bento, ƆCister e do clero da Diocese de Lisboa. Por Breve de Pio V, com data de 28 de Março de 1568, os Lóios foram também chamados a reformar os Cónegos de São Jorge de Alga, em Veneza, cujos Estatutos e modelo de organização tinham sido seguidos, na época da fundação, pela congregação portuguesa. Foi o coroar do empenhamento da Congregação dos Lóios na reforma do clero e a manifestação clara de um processo de institucionalização bem consolidado com mais resultados em Portugal do que em Itália. Depois desta intensa acção apostólica e caritativa, a partir do último quartel do séc. XVI entraram num processo de declínio. Perderam a protecção régia e tiveram de enfrentar a oposição das respectivas autoridades eclesiásticas, foram progressivamente abandonando a actividade assistencial nas prisões e nos hospitais, suspenderam o seu empenho missionário e a fundação de novas casas.

Na sequência dos intentos de uniformização canónica desenvolvidos pela Igreja no período pós-tridentino, o Papa Clemente VIII propôs a transformação dos Lóios numa congregação de votos perpétuos, mas, dada a oposição manifestada, autorizou a permanência do estatuto anterior, por Breve de 2 de Agosto de 1596. Durante o séc. XVII, verificaram-se outras tentativas de supressão da Congregação, que também não se concretizaram. Os lóios portugueses resistiram mesmo à extinção, em 1668, dos cónegos congéneres de São Jorge de Alga. Apesar de tudo, durante este período, os Cónegos Azuis – como também eram designados popularmente devido à cor do seu hábito – demonstraram bem a sua vitalidade, através de obras grandiosas em vários conventos da Congregação, de intervenções na vida intelectual e universitária, entre outras iniciativas.

Em 1822, o governo liberal reduziu para quatro as nove casas dos Lóios. Em 1824, o regime absolutista restituiu-lhes esses conventos, mas a nova vitória dos liberais, em 1834, trouxe a supressão definitiva da Congregação de São João Evangelista. Da sua presença e actuação no nosso país resta-nos hoje o património edificado e a memória histórica de uma instituição que, pelo carácter eminentemente nacional, especificidade institucional e prestígio social, assumiu, no seu tempo, um papel relevante na vida cultural, religiosa e política de Portugal.

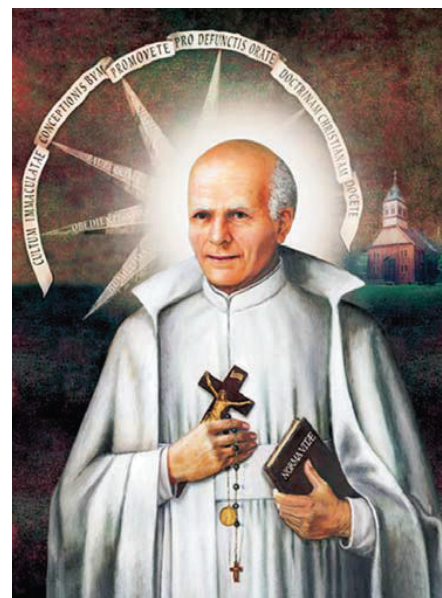
**BIBLIOGRAFIA: Manuscrita:** *Convento de Santo Elói do Porto*, Ms., liv. 87 (Jorge de São Paulo, *Compendio do Cartório do Convento de S. Elói do Porto*), Arquivo Distrital do Porto; *Fundo Monástico Conventual*, Ms. 924, Arquivo Distrital de Braga (Jorge de São Paulo, *Epílogo e Compendio da origem da congregação de Sam Joam Evangelista* – 1658); Manuscritos da Livraria, n.º 186 (*Instituição dos Cónegos Azuis e alguns capitulos da Ordem, etc.* – 1538-1545)/n.º 523 (*Liber capitulorum generalium nostrae congregationis* – 1478-1500)/n.º 796 (Fr. Paulo de Portalegre, *Novo memorial do estado apostólico da congregação* – c. 1468), ANTT. **Impressa:** COSTA, António Domingues de Sousa, “Lóios”, in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, Porto, Livraria Figueirinhas, 1992, pp. 48-51; COSTA, António Domingues de Sousa, *Bispos de Lamego e de Viseu no Século XV: Revisão Crítica dos Autores, I (1394-1463)*, Braga, Editorial Franciscana, 1986, pp. 185-448; *Diversae concessionis et gratiae concessae a Sanctiss. D. N. Clemente Papa VIII congregationi canonicorum saecularium S. Iohannis Evangelistae in Regno Portugaliae*, Roma, Ex typographia Marci Antoni de Valle, 1596; *Estatutos e Constituições dos Virtuozos e Reverendos Padres Cónegos Azuis*, Lisboa, Germão Galharde, 1540; *Livro dos Privilégios Concedidos pelos Sumos Pontífices, à Congregação de S. João Evangelista*, Lisboa, António Alvares, 1594; MARQUES, José, *A Arquidiocese de Braga no Século XV*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, pp. 655-657/851-889; MATTOSO, José, “Canonici regolari de San Giovanni Evangelista”, in G. Pellicia e G. Rocca (dirs.), *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, vol. II, Roma, Edizioni Paoline, cols. 119-122; SANTA MARIA, Francisco de, *O Céu Aberto na Terra: História das Sagradas Congregações dos Cónegos Seculares de S. Jorge em Alga de Veneza e de S. João Evangelista em Portugal*, Lisboa, Manuel Lopes Ferreira, 1697; SOBRAL, Cristina, “Decifrando o Memorial de Paulo de Portalegre”, in *Da Decifração em Textos Medievais: Actas do IV Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Lisboa, Edições Colibri, 2003, pp. 163-178; SOUSA, Bernardo Vasconcelos, *et alii, Ordens Religiosas em Portugal das Origens a Trento: Guia histórico*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005; TAVARES, Pedro Vilas Boas, “Lóios”, in C. M. Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa*

*de Portugal*, vol. J-P, [Lisboa], Círculo de Leitores/Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp. 149-157; TAVARES, Pedro Vilas Boas, “Legislação capitular da Congregação de S. João Evangelista: séculos XV-XVI”, in *Homenagem ao Doutor João Francisco Marques*, vol. 2, Porto, s.n., s.d., pp. 457-471.

ISABEL CASTRO PINA

## MARIANOS

Os Marianos da Imaculada Conceição (MIC), ou apenas Marianos, foram fundados, na Polónia, em 1673, pelo P. Estanislau de Jesus Maria Pacyrzyński.



Bem-Aventurado Estanislau Pacyrzyński, Fundador dos Marianos (I)

Filho de Sofia e de Tomás Pacyrzyński, era o oitavo filho do terceiro casamento do pai, e nasceu no dia 18 de Maio de 1631, em Podegrodzie, antiga vila situada no vale fértil do rio Dunajec, perto da cidade de Stary Sacz (Polónia). Foi baptizado no mesmo dia do seu nascimento com o nome de João Pacyrzyński, tendo-o a mãe consagrado ao serviço da Virgem Maria. Na escola, consta que o jovem João mostrava muitas dificuldades em aprender, razão porque abandonou os estudos. Sofreu por isso a violência, a cólera e a rudeza do pai. Apesar disso, a mãe não desistiu e tudo fez para que o pequeno voltasse à escola. Desta vez, para espanto de todos, especialmente do professor e do pai, aprendeu o alfabeto todo em apenas um dia, parecendo que a sua inteligência tinha recebido uma luz especial. Em 1646, o jovem João Pacyrzyński foi para Jarostaw, uma cidade a cerca de 170 quilómetros da sua terra, a fim de aí continuar os estudos. Tentou então entrar no Colégio dos Jesuítas de Lwów, mas estes, para

seu grande desgosto, não o admitiram. Decide continuar a sua formação por si próprio, vivendo de lições privadas que ia dando. Em 1649-1650, em meio de grandes tribulações e achaques de saúde, continua os estudos nos Piaristas, em Podoliniec. Em 1650, retorna a Lwów, para estudar no Colégio dos Jesuítas, onde é aceite. Em 1652, tem de fugir aos cossacos que avançam sobre a cidade e, juntamente com os colegas, vai estudar para Rawa Mazowiecka, onde existia outra escola de Jesuítas. Depois de muitos trabalhos, de dificuldades de vária ordem, de doenças (pestes, fomes, insegurança e guerras contínuas da Polónia, durante vários anos, com os cossacos, os russos, os turcos, os tártaros, os suecos), e depois de o pai insistir para que se casasse com uma jovem muito rica da região, João Papczyński, em 1654, com 23 anos, decidiu entrar para o Instituto das Escolas Pias da Mãe de Deus, conhecidos por Piaristas ou Escolápios (ordem fundada por S. José de Calasanz, em 1579, na Itália), em Podoliniec. Ao entrar no Noviciado, no dia 2 de Julho do mesmo ano, recebe o nome novo: Estanislau de Jesus Maria Papczyński.



Logótipo dos Marianos (I)

A Congregação dos Piaristas tinha por carisma fundar e orientar escolas para os pobres. Assim, depois do rigoroso período de formação, durante os dois anos de Noviciado, e antes de ser ordenado, Fr. João Papczyński foi estudar Teologia para Varsóvia, tendo-se depois tornado professor de Retórica nas escolas do instituto, em Rzeszów, continuando essa missão depois da ordenação, tendo escrito e editado um livro sobre a matéria – *Introdução à Rainha das Artes (Prodromus Reginae Artium, 1663)* –, obra muito apreciada na época: saíram três edições até 1670. Apesar de ser um mestre de Retórica, distinguiu-se sobretudo como pregador, conselheiro espiritual e confessor. Entre 1664 e 1667, foi confessor do futuro Rei da Polónia, João Sobieski III, e de António Pignatelli, Núncio Apostólico na Polónia e futuro Papa Inocêncio XII. Por defender a legalidade na eleição do Superior Provincial e a observância fiel e estrita das regras do instituto, no respeitante à pobreza, e do carisma na comunidade da província, entrou em conflito aberto com os superiores, o que o levou a sair dos Piaristas, em 1670 – tinha então 39 anos. No acto formal da sua saída, porém, o P.º Papczyński acrescentou uma solene declaração (*Oblatio*, 11 de Dezembro de 1670) em que manifesta a sua vontade

de iniciar um novo instituto religioso, uma fraternidade de Marianos da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada sempre Virgem Maria. A intenção fundamental do Fundador dos Marianos era, pois, promover o culto da Imaculada Conceição. Num tempo em que este dogma ainda não tinha sido definido pela Igreja e era intensamente discutido, o P.º Papczyński sentiu-se chamado a fundar uma congregação que tivesse como finalidade defender o mistério da “concepção sem mácula” de Maria, se preciso fosse até ao derramamento de sangue: o chamado “Voto de Sangue”. Mas o processo revelou-se-lhe recheado de dificuldades de toda a ordem e durante três anos o P.º Papczyński prossegue uma luta estrénuca para conseguir fundar uma ordem com esse carisma. A data de 24 de Outubro de 1673, ocasião em que o Bispo Estanislau Świecicki, de Cracóvia, visitou a primeira comunidade dos Marianos, no Eremitério da Floresta de Korabiew, a 40 quilómetros de Lubocz, pôs a comunidade sob a *Regula Vitae* escrita pelo P.º Papczyński e o constituiu como Superior dos Marianos Eremitas. Esta é considerada a data histórica da fundação dos Clérigos Marianos da Imaculada Conceição.

Depois de ultrapassadas muitas dificuldades, ainda antes da morte do Fundador, tendo obtido importante beneplácito do Rei João III Stobieski, da Polónia, já com várias casas erectas, e. g., a importante Gora Kalvaria, perto Czersk, e também em Goêlin, perto de Wilga, o novo Instituto obteve finalmente aprovação pontifícia no dia 24 de Novembro de 1699, pelo Breve *Exponi nobis super* de Inocêncio XII, cometendo-lhe uma tríplice missão: defender o mistério da Imaculada Conceição; oferecer sufrágios pelas almas do Purgatório (perante o inumerável número de falecidos na guerra e de dizimados pela peste, o P.º Papczyński sentiu a necessidade de auxiliar estes irmãos defuntos e recomendou vivamente este ministério aos seus co-irmãos; de facto, os Marianos eram reconhecidos, na Polónia, como aqueles que auxiliavam os mortos); prestar auxílio aos párocos no ensino da catequese ao povo simples, pois era também uma necessidade do seu tempo. O P.º Estanislau de Jesus Maria Papczyński, depois de ter feito votos solenes no dia 6 de Junho de 1701, conforme exigia o novo estatuto de ordem religiosa com reconhecimento papal, morreu no dia 17 de Setembro de 1701, em paz, como o velho Simeão, porque os seus olhos viram aprovada a Congregação segundo o carisma que lhe tinha sido confiado e que incluía agora, além da *Regula Vitae* por ele escrita, a “Regra das Virtudes da Bem-Aventurada Virgem Maria”, de Gilberto Nicolau (m. 1532), que o Breve de Inocêncio XII acrescentara.

Durante a vida do P.º Papczyński, até à aprovação papal, e devido ao estatuto de eremitas que o Bispo Świecicki impusera aos Marianos, o elemento do carisma que mais se desenvolveu na Ordem foi o da oração pelos fiéis defuntos, se bem que a devoção

à Imaculada Conceição e o trabalho pastoral com os camponeses tenha sido sempre uma prática do P.º Papczyński. E justamente um ano antes da sua morte, numa altura em que a Polónia passava por grandes convulsões sociais e políticas (a “pólnocna”: guerra setentrional; os tumultos da Confederação de Tarnogród), que abalavam a jovem Ordem nascente, nascia um rapazinho que viria a dar novo e decisivo impulso aos Marianos, tanto no aprofundamento do carisma mariano originário como na internacionalização dos Marianos. O seu nome era Francisco Januário Wyszyński.

Francisco Wyszyński nasceu no dia 19 de Agosto de 1700, em Jeziora Wielka, na Polónia – hoje Jeziórka, Poznań –, filho de João Casimiro Wyszyński e de Edvigis Rogala Wyszyński, abastados proprietários de extracção nobre. Depois de uma infância atribulada por ser considerado “ab adolescentia obtusus” (*Positio*, XXVI), o jovem Francisco consegue ir fazendo regularmente os seus estudos. Aos 7 anos entra na Escola dos Piaristas. Em 1716-1717, vai para Varsóvia estudar Poética e Retórica, durante dois anos, na escola da mesma ordem. Em 1718, o pai, cuja disciplina rígida se fazia sentir, manda-o para Varsóvia praticar leis junto do vice-presidente da Corte, a fim de ingressar na carreira de magistrado. Mas nesta altura dá-se na sua vida uma viragem que será decisiva para a Ordem Mariana. Por razões do foro íntimo, faz um voto de peregrinação a Santiago de Compostela. Sabe-se que, em Outubro de 1721, já está na estrada com o bordão na mão e as vieiras de peregrino no alforje, juntando-se a um grupo de romeiros que seguia para Roma. Depois de se ter confessado na Basílica de S. Pedro e de, na Igreja de S.º Estanislau Kostka, se preparar para a segunda etapa da longa jornada, parte para os confins de Espanha, isto é, para o *finis terrae*. Neste percurso, porém, já em terras ibéricas, adoce gravemente e, aconselhado pelos médicos, tem de voltar para trás. Regressa a Roma para pedir a dispensa do seu voto, permanecendo nesta cidade durante meio ano, visitando igrejas e fazendo trabalhos humildes para ganhar o sustento diário. É aqui que, um dia, encontra o P.º Joaquim de Santa Ana Kozłowski, Procurador dos Marianos, que se encontra em Roma a tentar obter a confirmação da aprovação papal da Ordem.

É o P.º Joaquim, que já em 1690, com o Fundador P.º Estanislau Papczyński, viera a Roma com a mesma intenção, quem o informa dos prejuízos que o seu irmão, José Wyszyński, fizera à Ordem durante a chamada dispersão rostokoviense, entre 1716 e 1722. De facto, o intento do seu irmão José tinha sido o de destruir a Congregação, tendo conseguido, em colaboração com o superior geral e com a aprovação do Bispo local, Adão Rostokowski, dispersar todos os seus membros. Esta dispersão passou para a História com o nome de “dispersão rostokoviense” por causa do nome do bispo que, em 1717, dispersara os Marianos pelas paróquias



Monumento a Fr. Casimiro Wyszyński, Convento de Balsamão (I)

diocesanas. Esta “dissipação”, que quase liquidava a Ordem, terminou apenas quando o Bispo de Poznań, Pedro Tarło, em 1722, convocou todos os Marianos para os seus conventos, em 10 dias, sob pena de excomunhão. O Capítulo Geral de 31 de Agosto de 1722, entre outras medidas, decidiu enviar a Roma o P.º Joaquim para obter finalmente a confirmação da aprovação dos Estatutos e da Ordem, o que acabara de acontecer: no dia 3 de Setembro de 1723, Inocêncio XIII confirmou a aprovação.

Depois de saber tudo isto, e decidido a reparar os graves danos que o seu irmão de sangue tinha causado aos Marianos, Francisco Januário disse: “Eis-me aqui! Quero reparar com a minha vida o que o meu irmão destruiu.” Pediu então para entrar na Ordem e, depois de algumas hesitações do P.º Joaquim, toma o hábito branco no dia 18 de Novembro de 1723, na mesma igreja donde um ano antes partira para Santiago de Compostela, S.º Estanislau Kostka. Recebeu ao mesmo tempo o nome de Casimiro de São José Wyszyński. Logo a seguir, juntamente com o P.º Joaquim Kozłowski e um irmão chamado Nicolau de São Martinho, regressou à Polónia. Antes de entrar no Noviciado, no dia 19 de Março de 1724, em Puszcza Korabiewska, o jovem Casimiro ficou ainda durante alguns dias em casa dos seus pais, em Jeziora Wielka, acompanhando até à morte a sua mãe moribunda.

Durante o rigoroso Noviciado no Ermo de Korabiew, sob orientação primeiro do P.º Joaquim de Santa Ana Kozłowski, de 19 de Março até Agosto de 1724, e depois do P.º Mansuetus Leporinus, franciscano reformado, de Agosto de 1724 até Março de 1725, Fr. Casimiro começou a notar o relaxamento de costumes dos professos vindos da “dispersão rostokoviense”, que nesse tempo se haviam habi-

tuado a práticas pouco religiosas (bebidas, cartas, caça). Assumindo claramente uma posição crítica, quer pelo seu próprio modo de vida piedoso e austero quer pela palavra, rapidamente “caiu no ódio dos Irmãos”, tornando-se alvo de troça e de perseguições. Mais tarde, já professo, será mesmo ameaçado de morte. Por causa disso, nos sucessivos escrutínios a que os noviços deviam ser sujeitos ao longo do ano, Fr. Casimiro obteve sempre alguns votos negativos. Mas, finalmente, fez a profissão dos votos solenes a 19 de Março de 1725. E apesar de o seu Superior, o P.º Joaquim, não o querer deixar estudar nem admitir ao sacerdócio, insistiu junto do Capítulo Provincial dos Reformados (franciscanos que, ao tempo, superintendiam a Congregação; só em 1787, depois de Pio VI aprovar as Constituições da Ordem, esta ficou totalmente autónoma) para que lhe fosse permitido estudar e preparar-se para as ordens, vindo a ser ordenado Sacerdote no dia 20 de Abril de 1726. Logo depois, em 1727, foi nomeado Mestre de Noviços e reconfirmado no cargo pelo Capítulo Geral, em 1728. Entretanto, foi assumindo vários cargos na Ordem: Secretário-Geral, Vice-Superior, outra vez Mestre de Noviços, Conselheiro Geral, Professor, Confessor... Em 1737, foi eleito Superior Geral da Ordem, realizando então uma autêntica renovação da vocação mariana, segundo o carisma do Fundador. Apelou à responsabilidade de todos, a fim de revigorar a disciplina e os costumes religiosos, sublinhando em tudo o primado da caridade. Ao mesmo tempo, ardia no desejo de expandir a Ordem. Nesse sentido, promoveu um programa vocacional na Boémia o que, em poucos anos, se traduziu na entrada de um grande número de novas vocações para a Congregação. Em 1750, depois de um triénio de novo como Superior Geral, durante o qual levara a Ordem para a Lituânia (2 casas) e para a Ruténia (2 casas), encontra-se outra vez em Roma, agora como Procurador da Ordem, resolvendo problemas junto da Cúria e tentando dar novo fôlego ao processo de beatificação do Fundador. Durante esta estadia em Roma, Fr. Casimiro, através do Ministro Geral dos Frades Menores, P.º Pedro de Molina, recebeu uma carta de António de Sousa Salazar Teixeira, um padre português de Lisboa, na qual se pedia a vinda de dois religiosos marianos para Portugal, a fim de aí fundar uma ordem dedicada ao culto da Imaculada Conceição. O projecto foi falsamente apresentado como se fosse autorizado e correspondesse a um desejo expresso do próprio Rei D. José I. Fr. Casimiro que, desde o seu voto de peregrino de Compostela, sempre se sentira atraído pela luz do Ocidente, isto é, pelo futuro, ficou radiante e entusiasmado. Escreve imediatamente (11 de Março de 1752) ao superior geral, na Polónia, exprimindo-lhe que era uma oportunidade a não perder. Como da Polónia hesitassem e demorassem a dar uma resposta, Fr. Casimiro oferece-se ele mesmo para ir fundar os Marianos em Portugal, o que foi aceite. Quando o

P.º Molina, Superior do Fr. Casimiro, pretendia dissuadi-lo do seu intento, levantando prudentemente algumas reservas sobre a verdade dos factos e a origem do convite, Fr. Casimiro respondeu, sem hesitar: “Nulo modo haec fieri potest, nam ubique jam divulgatum est, quod ad hunc finem de Polonia missi sunt” (“De modo nenhum se pode fazer isso, visto que já se divulgou por toda a parte, e para este fim foram enviados Marianos da Polónia” – *Positio*, p. 238), resposta que traduz bem como Fr. Casimiro ardia interiormente no desejo de trazer os Marianos para terras de S.ª Maria. Ademais, acrescentou, a renúncia ao projecto redundaria em grave dano para a credibilidade da Ordem.



Panorâmica do Convento de Balsamão, a partir da estrada de Chacim para Balsamão (I)

Então, Fr. Casimiro e o P.º Benão Bujalski, vindo da Polónia para o ajudar nesta missão, depois de pedirem ao Ministro Geral dos Franciscanos *Litterae Obedientiales* – não sem por ele serem advertidos que deveriam também pedir ao Ministro de Portugal em Roma *Litterae Patentes* –, no dia 14 de Maio de 1753 iniciaram a viagem para Portugal, cujo percurso se conhece em detalhe. Chegaram a Lisboa no dia 10 de Outubro do mesmo ano. Logo se encontraram com o P.º António de Sousa Salazar, em sua casa, no Rossio, e descobriram imediatamente que o projecto da fundação de uma ordem religiosa dedicada à Imaculada Conceição, em Portugal, nascera exclusivamente das ambições pessoais do P.º Salazar e que não havia qualquer desejo nem aprovação régia ou eclesiástica. Foi um banho de água fria. Depois de dois meses praticamente “presos” quer em Lisboa, no “Rocio”, quer noutra casa do P.º Salazar – no monte Abóbada, S. Domingos de Rana, propriedade da Marquesa de Cascais, onde Salazar pretendia fundar um instituto à Imaculada Conceição –, sofrendo deste contínuos maus-tratos, humilhações, injúrias, sarcasmos, privação de comida e de bebida, o P.º Benão, doente e desanimado, regressou à Polónia. Fr. Casimiro decidiu ficar, entregando-se à Providência: se Deus permitira que viesse até aqui, algum bem haveria de tirar da sua confusão. Da sua parte, estava pronto a suportar o sadismo do P.º Salazar e todos os males, até a morte, em favor da dilatação do culto à Imaculada Conceição. Algum tempo depois da

partida do P.º Benão para a Polónia, Fr. Casimiro, através da intercessão de benfeitores e amigos – Salvador Marcelo de Figueiredo e Silva, António Joaquim de Oliveiras Pires –, e por ordem expressa do Cardeal Lucas Melchior Tempì, ao tempo Núncio Apostólico em Portugal, foi subtraído ao sadismo do P.º Salazar (este queria que Fr. Casimiro fizesse “novo Noviciado”, sendo ele o Mestre da sua provação) e levado para o Convento de S. Pedro de Alcântara. Seis dias depois desta libertação, no dia 25 de Março de 1754, Fr. Casimiro deu o hábito branco mariano ao primeiro português: Fr. João de Deus da Conceição, que era natural da Torre de Moncorvo e vivia em Lisboa. Será ele, em 1757, já depois da morte de Fr. Casimiro, a traduzir para português a Regra dos Marianos.

Fr. Casimiro procurara, entretanto, um lugar onde pudesse viver e fundar os Marianos em Portugal. Fr. João recordou-se, então, que relativamente perto de Moncorvo havia um hospício onde vivam alguns eremitas que não tinham Regra religiosa, manifestando o desejo de adoptar uma: eram os “Barbadinhos” de Balsamão, quatro quilómetros a nascente da Vila de Chacim. Fala nesta possibilidade



Monumento ao Beato Estanislaw Papczyński, Fundador dos Marianos, Balsamão (I)

a Fr. Casimiro que aceita a ideia. Escrevem então ao Bispo de Miranda, D. João da Cruz, apresentando-lhe a Ordem dos Marianos e pedindo-lhe para serem admitidos em Balsamão. O bispo, tendo antes falado com os Eremitas de Balsamão, respondeu favoravelmente ao pedido. Assim, Fr. Casimiro e Fr. João partem de Lisboa no dia 28 de Agosto de 1754 e chegam a Balsamão nove dias depois, a 6 de Setembro. São muito bem recebidos pelas autoridades locais do Município de Chacim, pelos representantes da Ordem de Cristo (e. g., António

Gomes Menna de Moraes), e fraternalmente acolhidos pela Comunidade dos Eremitas de Balsamão, cujo Superior, o P.º Jerónimo da Trindade, era um “varão verdadeiramente perfeito”, afirmava Fr. Casimiro (PIRES, Basileu, mic, *Venerável Frei Casimiro...*, p. 18). Depois de alguns dias em Balsamão, Fr. Casimiro, acompanhado por Fr. João de Deus da Conceição e pelo P.º Jerónimo da Trindade, foi a Bragança apresentar-se ao bispo que, temporariamente, residia nesta cidade. Mas um dia depois de chegarem a Bragança (25 de Setembro), o P.º Jerónimo morre inesperadamente. D. João da Cruz nomeia, então, Fr. Casimiro Superior dos Eremitas de Balsamão, autoriza-o a dar-lhes o hábito dos Marianos e coloca-os sob a jurisdição do Ordinário do Lugar. Depois de duas semanas em Bragança, regressam a Balsamão. No Natal de 1754, Fr. Casimiro manda as boas-festas ao bispo e este responde, no dia 2 de Janeiro de 1755, manifestando agrado e apreço pelo trabalho realizado no governo da casa e na formação dos candidatos a marianos, “pedras angulares da nova fundação”. No dia 13 de Abril de 1755, Fr. Casimiro entrega o hábito e admite ao Noviciado cinco portugueses e aceita mais dois candidatos à Ordem. A 22 de Maio do mesmo ano, D. João da Cruz confere a Fr. Casimiro a faculdade de administrar os sacramentos aos confrades e aos peregrinos que vêm visitar o Santuário de N. Sr.ª de Balsamão. O rebento transplantado desde a Polónia começava a vicejar em Balsamão, qual jardim das Hespérides. Mas Fr. Casimiro sonhava ir mais



Convento de Balsamão e Casa de Retiros, vista geral (I)

longe. De reparador dos males que o seu irmão infligira à Congregação, tornara-se no grande impulsionador da expansão da Ordem desde a Lituânia, à Rússia e até terras do sol poente. Mas também o Brasil começava já a fasciná-lo. No seu diário, em Agosto de 1755, anota: “Pela graça de Deus, não me falta nada, mas, ao contrário, acima de mim mesmo, a maravilhosa Providência Divina, neste longínquo e desconhecido país, encontro maior desejo de servir a Congregação da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria. [...] O grande desejo de trabalhar tenho-o porque há esperanças para o desenvolvimento da Congregação. [...] Temos a esperança que esta Ordem, para honra

da Mãe de Deus, se difundirá em todo o Portugal e Espanha. O Bispo de Miranda, que se tornou um poderoso benfeitor, tem um irmão no Brasil. Se em caso tivéssemos de ir para lá, a nossa Ordem poderia ter um grande desenvolvimento” (*Positio*, p. 248; MORAIS, José, mic, “As Ordens religiosas...”, p. 162). Eis as cogitações de um homem que, vindo do leste e debruçado sobre o mar Atlântico, queria “fazer-se ao largo”. Fr. Casimiro Wyszyński, de facto, foi alguém que, recebendo do Fundador dos Marianos o testemunho carismático da Ordem, quis transmiti-lo e expandi-lo *urbi et orbi*. Era tempo, porém, de começar a passar o testemunho. Por isso, quase pressentindo o fim, no Verão de 1755, dirige-se ao superior geral nestes termos: “Dado que estou avançado em idade, e não sabendo nem o dia nem a hora, gostaria que algum, de entre os jovens, viesse da Polónia até junto de mim [...] a fim de se poder conservar, deste modo, a união da nossa Congregação” (*Positio*, p. 314). Fr. Casimiro sofria da doença da malária, contraída possivelmente nos miasmas de Roma, junto ao Coliseu, onde já lhe tinham surgido manifestações. No dia 19 de Setembro de 1755, a febre manifestou-se de modo fulminante e, no espaço de um mês, levou-o à morte. Agravando-se a saúde de dia para dia, mostrava em tudo uma imensa paciência, tendo continuamente nos lábios a jaculatória “Bendito seja o Nome do Senhor!” Aos irmãos noviços, reunidos à sua volta nas últimas horas de vida, deu-lhes a bênção, exortou-os à perseverança e, vendo-os tristes e aflitos, apontou-lhes o sentido escatológico da vida, o sentido do Céu: “Não choreis – a Santíssima Virgem é a vossa fundadora, e eu, quando deixar este corpo e a minha alma for levada para Deus, como, por misericórdia de Deus e pelos méritos do meu Salvador, espero, então ser-vos-eis mais útil”. E repetindo “Bendito seja Deus!”, morre serenamente às três horas da manhã do dia 21 de Outubro de 1755. A notícia de que havia morrido “o santo polaco” espalha-se rapidamente. Foi sepultado na Igreja de N. Sr.ª de Balsamão. Apesar de a morte inesperada de Fr. Casimiro ter sido um rude golpe para o desenvolvimento dos Marianos, em Portugal, e de o tempo não ser propício ao desenvolvimento das ordens religiosas, a Congregação procurou crescer. Progressivamente, mercê da acção do Ir. João de Deus da Conceição e de dois padres polacos chegados para ajudar e



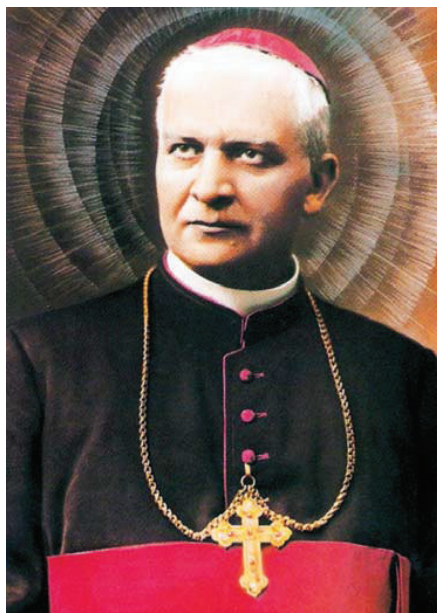
Igreja de N. Sr.ª de Balsamão (DB)

manter o elo de união na Ordem, o P.º Aleixo Fischer e o P.º Rafael de Buffa (chegados a Balsamão no dia 8 de Março de 1958), os Marianos criaram outras casas: em Algoso, junto ao Castelo (perto de Vimioso); em Sedovim, na Diocese de Lamego (entre 1780-1790), e em Lisboa, Alcântara, no Hospício de S. Rafael.

Não se conhece muito deste processo de difusão dos Marianos, em Trás-os-Montes, no Alto Douro e em Lisboa, mercê da extinção das ordens religiosas decretada em 1834, que acabou com os conventos marianos e onde se perdeu documentação essencial para traçar com rigor o seu itinerário. Sabe-se, aliás, que a guerra civil que, entre Julho de 1832 e Maio de 1834, dividia os portugueses entre Miguelistas e Liberais, também atingiu o Convento de Balsamão, onde os superiores partidários de D. Miguel ouviam, com horror, alguns religiosos a cantar os hinos e as canções dos Liberais. Talvez por isso, o convento não tenha sido extinto imediatamente com a vitória dos Liberais, tendo sido permitido que pelo menos um padre mariano ali tivesse ficado até à sua morte, cerca de 1850. O retorno da Ordem a Portugal só acontecerá em 1954, o que requer que se trace brevemente o que, neste interregno de 120 anos, aconteceu aos Marianos, na Polónia e na Lituânia. A Congregação, por causa da perseguição à vida religiosa e à Igreja nos países onde estava implantada, esteve prestes a extinguir-se totalmente. Em Portugal, como se disse, foi em 1834, com a expulsão de todas as ordens religiosas. Nos países de Leste, com a política dos governos czaristas russos, a perseguição à Igreja, desde a segunda década do séc. XIX até 1864, foi aumentando com o objectivo de suprimir todas as ordens religiosas – em primeiro lugar, sujeitando os religiosos à jurisdição dos bispos – e de fechar os conventos. De facto, depois da Revolta de 1863, o Czar Alexandre III, no dia 27 de Fevereiro de 1864, decretou a extinção das ordens religiosas católicas em todo o império, proibindo a admissão de novos membros. Os Marianos foram encarcerados na Casa-Mãe, em Mariampole, na Lituânia.

Os Marianos, desde 1865, ficaram só com o Convento de Mariampole, na região de Suwalki, Lituânia. Impedida de receber novos membros, em 1908 a Congregação tinha apenas um religioso, o P.º Vicente Sekowski, Superior Geral desde 1892. Entretanto, dois professores da Academia de S. Petersburgo, o P.º Jorge Matulaitis-Matulewicz, natural da aldeia de Lugine, na Paróquia de Mariampole, onde nascera a 13 de Abril de 1871, e o P.º Francisco Bucys, aluno do Ginásio de Mariampole, sabendo da situação moribunda dos Marianos, no Verão de 1908, propuseram ao P.º Sekowski um projecto de renovação da Ordem. Este aceitou-o e, a 29 de Agosto de 1909, o P.º Jorge, dispensado de fazer o Noviciado, com consentimento de Pio X, fez os votos temporários perante o P.º Vicente Sekowski, sendo ao mesmo tempo admitido ao Noviciado o P.º Francis Bucys.

Para o desenho da sua fisionomia intelectual e espiritual, importa referir a sua passagem pela Faculdade de Teologia, em Friburgo, na Suíça, onde concluiu o doutoramento e, mais tarde, por Varsóvia, onde esteve tratando a tuberculose óssea que há anos o atormentava. Nesta altura, toda a sua atenção se concentrava nas questões sociais, na problemática do trabalho, na situação dos operários e do proletariado, no direito à propriedade, das relações ecuménicas entre ortodoxos e católicos, na legitimidade da guerra, etc. Promoveu assim cursos sociais ou “semanas sociológicas”, em Varsóvia e em Kaunas (Lituânia), onde se aprofundavam os problemas sociais e as respostas da doutrina social da Igreja para essas novas realidades, mormente depois da *Rerum Novarum* de Leão XIII. Em 1907, foi convidado para a cátedra de Sociologia na Academia de S. Petersburgo, onde, como professor e grande defensor da justiça social, da urgência de dar lugar aos leigos na Igreja, deixou rasto duradouro entre os seus alunos.



Bernabé Aventura Jorge, Renovador da Congregação dos Marianos (1)

O P.º Jorge Matulaitis-Matulewicz, espírito superior e de inteligência brilhante, empreendeu com grande entusiasmo a renovação dos Marianos, salvando-os da extinção. De facto, sendo entusiasta da vida religiosa, há vários anos que observava criticamente as disposições imperiais que a condenavam à extinção. Ao mesmo tempo, ia sabendo das actividades que, clandestinamente, várias congregações promoviam a fim de sobreviverem, e até colaborava com elas, ajudando na elaboração de Constituições. É nesse contexto histórico que se deve compreender a decisão do P.º Jorge de, clandestinamente, salvar os Marianos, redigindo as novas Constituições para um Instituto que teria de

sobreviver e trabalhar em condições muito diferentes daquelas em que vivera até aí. Mas, apesar de todos os seus cuidados para manter em segredo a renovação dos Marianos, um grupo cada vez maior começou a saber e a interessar-se. O P.º Jorge, temendo consequências desagradáveis para a academia onde era professor e vice-reitor, renunciou aos cargos, no Verão de 1911, e vai de novo para Friburgo, Suíça, onde abre um convento mariano sob o nome de “casa de estudos”. Aqui se preparavam os Padres Marianos que, depois, regressavam ao trabalho nos territórios sob ocupação russa. Progressivamente, e por via das necessidades espirituais que os emigrantes lituanos nos Estados Unidos lhe manifestam, começa a ganhar forma a abertura de casas noutros países. Nasce assim, ainda em 1911, em Chicago, a primeira casa da Congregação naquele país. A Primeira Guerra apanha-o na Lituânia e impede-o de retornar a Friburgo. Mas foi também uma oportunidade para a Ordem começar a aparecer publicamente nos países de Leste, especialmente na Polónia, na Lituânia e na Rússia.

Em 1918, apesar da sua resistência e de várias tentativas de revogação, foi nomeado Bispo de Vilno (onde esteve até 1925), capital da Lituânia, tarefa ingente, no plano religioso, social, político, diplomático, que o Bispo, depois Arcebispo e, por fim, Visitador Apostólico para a Lituânia, conseguiu levar a bom porto. As imensas tarefas, contudo, nunca o impediram de cuidar da sua renovada Congregação. Como homem de diálogo ecuménico entre Oriente e Ocidente, dedicado a Cristo e à Igreja, Jorge Matulaitis-Matulewicz, recentemente beatificado, no contexto da clandestinidade e da perseguição da Igreja e particularmente da vida religiosa, em que renovou os Marianos, enriqueceu o carisma deste Instituto particularmente no âmbito do Apostolado, com aquilo que podemos chamar espiritualidade de enamoramento e de martírio, inspirado no testemunho dos primeiros cristãos, não determinando para os Marianos uma actividade pastoral específica, mas deixando-os livres para assumir qualquer actividade para maior glória de Deus, para bem da Igreja e salvação dos homens. O Beato Jorge morreu a caminho de Roma, no dia 27 de Janeiro de 1927. Durante o séc. XX, a Congregação dos Marianos expandiu-se rapidamente por vários países, estando hoje presente em 18 países: Polónia, Lituânia, Letónia, Bielorrússia, Cazaquistão, Ucrânia, Eslováquia, República Checa, Itália, Inglaterra, Alemanha, Portugal, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Ruanda, Camarões e Austrália. Tem cerca de 600 membros em todo o mundo. A ideia do retorno dos Marianos a Portugal deveu-se, principalmente, ao facto de, em Balsamão, fazerem os restos mortais de uma das figuras mais importantes da sua história: o Servo de Deus, Casimiro de São José Wyszyński. O regresso concretizou-se em 1954, com a fundação do Seminário das Missões de N. Sr.ª da Conceição, no

Convento de Balsamão. Actualmente, 51 anos volvidos, os Marianos da Imaculada Conceição, em Portugal, estão constituídos como Vicariato da Província de S.<sup>mo</sup> Estanislau Kostka, dos Estados Unidos (com sede em Stockbridge, Massachusetts) e, além da Casa-Mãe em Balsamão, têm mais duas casas, em Fátima e em Lisboa.



Seminário dos Marianos, Fátima (I)

O seu carisma continua a ser o da fundação dos Marianos: defender o mistério da Imaculada Conceição – este é núcleo do seu carisma; rezar pelos irmãos defuntos e auxiliar os párocos na catequese do povo simples. Este último aspecto foi reforçado pelo Renovador da Ordem, Beato Jorge Matulaitis-Matulewicz, imprimindo-lhe um novo vigor eclesial, de abertura ecuménica, de intervenção activa



Retiro para jovens organizado pelos Marianos (I)

na vida do mundo. Em Portugal, além do exercício do ministério pastoral, por parte dos Padres da Ordem, empenha-se em múltiplos campos de apostolado, tais como: o apostolado da Misericórdia Divina; a pastoral juvenil e vocacional; a pastoral paroquial; a pastoral de acolhimento; o diálogo entre a cultura e a Fé, sob o lema do Renovador: “Pro Christo et Ecclesia”.

**BIBLIOGRAFIA:** *Anuário Católico de Portugal 2007*, [Lisboa], Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2007, pp. 849-850; CUSUMANO, Vincenzo, *Per Cristo a Tempo Pieno: Giorgio Matulaitis-Matulewicz – 1871-1927*, Roma, Tip. S.G.S. Istituto Pio XI, 1985; MORAIS, José Manuel, mic, “As Ordens religiosas da Imaculada Conceição, em Portugal, nos

Sécs. XVII e XVIII”, in *De Culto Mariano Saeculis XVII-XVIII: Acta Congressus Mariologici-Mariani Internationalis in Republica Melitensi Anno 1983 Celebrati*, vol. VII, 1983, Roma, Pontificia Academia Mariana Internationalis, 1988; NASSALSKI, Olgierd, mic, *Fiel ao Chamado: História sobre o Fundador dos Marianos*, Curitiba/Paraná, Congregação dos Padres Marianos, 2001; PIRES, Basileu, mic, *Venerável Frei Casimiro: Testemunhos Daqueles Que O Conheceram*, Fátima, Edições Marianos da Imaculada Conceição, 2005; *Regra dos Religiosos Marianos da Sagrada Ordem da Imaculada [...]*, Lisboa, Na Officina de Miguel Manescal da Costa Impressor do Santo Offício, 1757; ROGALEWSKI, Tadeusz, mic, *Founder of the Marians: Father Stanislaw Papczyński*, Stockbridge/Massachusetts, Marians of the Immaculate Conception, 1997; SACRA CONGREGATIO PRO CAUSIS SANCTORUM, *Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Casimiri a S. Joseph Wyszyński Sacerdoti Professi Cler. Reg. Marianorum Imm. Conc. B.V.M. (m. 1755) Positio Super Virtutibus ex Officio Concinata*, Romae, 1986; SÃO PAIO, João Teixeira Coelho de, *Vida do Venerável Servo de Deus O Padre Estanislão de Jesus Maria, Fundador da Congregação, e Ordem dos Religiosos da Immaculada Conceição da Beatíssima Virgem Maria [...]*, Lisboa, Na Officina de Miguel Rodrigues Impressor do Eminentíssimo Senhor Cardial Patriarca, 1757; SZYMAŃSKI, Estanislau (org.), mic, *Enamorado da Igreja: Beato Jorge Matulaitis-Matulewicz (1871-1927), Renovador dos Marianos da Imaculada Conceição*, Fátima, Edições MIC, 1987.

JOSÉ MARIA SILVA ROSA

## MARISTAS

Os Irmãos Maristas, nome pelo qual são conhecidos usualmente os membros da Congregação dos Irmãos Maristas das Escolas, são fundados em 1817 pelo Sacerdote José Bento Marcelino Champagnat (1789-1840), na localidade francesa La Valla. O contexto vivencial do Fundador influencia, decisivamente, a sua decisão de criar uma obra apostólica que, orientada pelo lema “Tudo a Jesus por Maria, tudo

a Maria para Jesus”, se dedique à educação das crianças e dos jovens, privilegiando os mais carentes. O P.<sup>o</sup> Champagnat, nascido em Marlhès, povoado francês marcado pela pobreza e ignorância cultural, em 1789, vai conviver desde cedo com uma maioria de jovens e adultos analfabetos e vítimas de outro tipo de carências. Concomitantemente, vai crescer confrontando-se com aspirações de progresso social e solidariedade, desencadeadas pela Revolução Francesa. Há que reconhecer o papel de seus pais e de uma tia na estruturação da sua personalidade. A figura paterna, que participou localmente nos movimentos de mudança social, torna-se paradigmática para o desenvolvimento da sua consciência de cidadania, enquanto a atitude religiosa da mãe e da tia o desperta para a dimensão espiritual da vida humana. Decide tornar-se sacerdote, com 16 anos, e quase sem formação académica. Havia recusado frequentar a escola da sua localidade, após ter constatado a agressão violenta do professor contra um seu colega, dedicando-se, até aí, a trabalhar na propriedade rural da família, de auto-sustento.

Ingressa em 1805 no Seminário Menor de Verrières, que frequenta até 1813, data em que, concluídos os primeiros estudos, vai para o Seminário Maior, em Lyon. Aí, funda e desenvolve, conjuntamente com alguns colegas seminaristas, a Sociedade de Maria, considerando desde o início que esta devia vir a incluir irmãos educadores, para trabalhar com as crianças das zonas rurais, desprovidas da oportunidade de uma educação cristã.

O jovem P.<sup>o</sup> Marcelino, ordenado a 22 de Julho de 1816, torna-se coadjutor da Paróquia de La Valla, a 15 de Agosto, data escolhida propositadamente para assinalar a entrega do seu apostolado sob a protecção da Virgem Maria. Confronta-se, aí, mais uma vez, com o estado de abandono a que estava votado o povo em certas zonas rurais, sem excepção para as crianças e jovens, em geral, entregues a professores de competência e carácter duvidosos e sem atenção pastoral por parte da Igreja. Se há muito sentia a necessidade de responder a esta situação, o impulso para a acção dá-se ao ser chamado a dar assistência religiosa, em finais do ano de 1816, a um jovem moribundo de 17 anos, Jean Baptiste Montagne, que morria sem ter ouvido falar de Deus.

No dia 2 de Janeiro de 1817, o P.<sup>o</sup> Champagnat reúne em La Valla os seus dois primeiros companheiros, a que outros se vão juntar, dando, assim origem aos Irmãos Maristas. Os primeiros irmãos são jovens camponeses, marcados pelo zelo apostólico e educacional de Marcelino Champagnat. Vai dar-lhes formação académica e espiritual, enviando-os aos lugares mais afastados da sua paróquia para ensinar os rudimentos da escrita, da leitura e da mensagem cristã às crianças e, por vezes, aos adultos. Cria, entretanto, uma escola primária em La Valla, a qual, entre 1817 e 1824, será utilizada, simultaneamente



Champagnat e as crianças, Goyo (I)